

Aborto, eugenia e neonazismo

Ivanaldo Santos
Filósofo (ivanaldosantos@yahoo.com.br)

Inicialmente, é preciso esclarecer que o termo “eugenia” foi cunhado pelo geneticista Francis Galton (1822-1911). Galton usou o termo “eugenia” para expressar a possibilidade de aprimoramento da raça humana por meio de cruzamentos genéticos premeditados. Já Ludwig Gumpowicz (1838-1909), sociólogo austríaco, notabilizou-se por seu livro *La lutte des races* (A luta das raças). Neste livro, influenciado pelas idéias de Charles Darwin e Francis Galton, Gumpowicz apresenta uma teoria sobre a evolução e o aperfeiçoamento da sociedade. Para ele, os povos geneticamente mais aperfeiçoados devem dominar e governar os demais povos. Por essa teoria, a sociedade evolui por meio da luta das raças em contraposição a teoria da luta de classes formulada por Karl Marx.

A teoria eugênica proposta por Galton e Gumpowicz influenciou o nazismo a criar e implantar sua política autoritária de seleção das raças superiores e eliminação das inferiores.

Realizado este esclarecimento inicial é preciso observar que a sociedade contemporânea é marcada por um forte sentido democrático. Há todo um discurso de inclusão e participação social. Aparentemente, qualquer manifestação de autoritarismo, por qualquer grupo social, é rechaçada. Inclusive há na mídia e dentro das políticas e ações administradas pelo Estado uma forte repulsão a tudo que simbolizou o nazismo. Os grupos que são oficialmente neonazistas sofrem perseguição da mídia, da polícia e de todo o aparato repressivo da sociedade.

Entretanto, é preciso realizar uma séria objeção, sendo ela: Se a sociedade realmente é democrática e o autoritarismo nazista e neonazista são repudiados, por que, então, se deseja legalizar o aborto? Numa sociedade verdadeiramente livre e democrática o feto deveria ter o direito de nascer, pois só assim ele poderia emitir qualquer opinião livre sobre qualquer assunto. Um feto morto, ou seja, abortado, não possui opinião livre e nem muito menos participa da sociedade democrática.

O problema é que a sociedade contemporânea vive um grande paradoxo. De um lado, fala-se em democracia, mas por todo parte reina o autoritarismo. É o autoritarismo

da mídia, da indústria, da ciência, do cinema, do Estado e outras formas variadas. Do outro lado, aparentemente nega-se a eugenia e o neonazismo, mas tenta-se e, muitas vezes, se consegue impor um padrão de ser humano por meio da mídia, da indústria, da moda, do comércio, do Estado e de outras formas variadas.

Este padrão de ser humano é representado pelo estereótipo do indivíduo magro, geralmente branco e louro, adepto de todas as formas de modismos e futilidades que são produzidos pela sociedade e, acima de tudo, possuidor de quantia financeira suficiente para se incorporar à sociedade do consumo. A atual sociedade possui um modelo padrão de ser humano e está tentando impor este modelo aos indivíduos. Está tentando construir um ser humano “ideal”. Este processo é uma forma de eugenia.

A questão é que a maioria das pessoas não se enquadra neste modelo de sociedade “ideal”, neste modelo de ser humano que atualmente é imposto aos indivíduos. Uma simples caminhada por qualquer rua do país ou do mundo verá que a maioria das pessoas não possuem o padrão de beleza, perfeição física e alto padrão de consumo exigidos atualmente. O que fazer com essas pessoas? O que fazer com os feios, gordos, pobres e outros grupos humanos que não se enquadram no modelo de ser humano ideal?

Para dá solução a está resposta entra em cena a política neonazista. Está política se dá em duas frentes principais.

A primeira é o sumário esquecimento. Os indivíduos classificados como indesejáveis, ou seja, as pessoas que não se enquadram no modelo de indivíduo ideal são sumariamente esquecidas. Elas não são convidadas para participar de festas, não participam de programas de TVs, não participam de campanhas publicitárias e nem são convidadas para posar nuas nas revistas e demais publicações eróticas, enfim sua vida social se resume ao isolamento familiar e aos poucos amigos que possui.

A segunda é o aborto. Não se pode matar as pessoas que já estão vivas e crescidas. A sociedade, por mais que seja autoritária, ainda possui um forte senso de valorização dos indivíduos adultos. Até porque é justamente os indivíduos adultos que são os vorazes consumidores do universo de futilidades que é posto a disposição das pessoas diariamente.

Sendo assim, resta o recurso ao aborto. O raciocínio é simples: é preciso matar, ainda no ventre da mãe, os indesejáveis, isto é, todas as pessoas que não se enquadram no modelo de indivíduo ideal criado pela sociedade atual. Esta eliminação torna-se eficiente porque é financeiramente barata e bastante lucrativa, não atrapalha a vida dos desejáveis, ou seja, das pessoas que se enquadram no modelo de indivíduo ideal, é

tecnicamente rápida e eficiente. Esta forma de matar os indesejáveis se enquadra perfeitamente no modelo de sociedade eugênica desenvolvido por Ludwig Gumpowicz e posto em prática pelo nazismo.

Obviamente, que oficialmente a sociedade continua sendo anti-nazista e anti-totalitária. Até porque se a própria sociedade se assumisse como nazista e autoritária o plano de eliminar, de matar, os indesejáveis poderia fracassar. Eles poderiam contestar, se rebelarem e até destruírem o sonho de uma sociedade formada por indivíduos “idéias”. Portanto, o aborto é uma forma de implementação da eugenia e da sociedade de tipo neonazista. Rejeitar o aborto é também rejeitar este modelo de sociedade.